

Crítica // Predador: terras selvagens ★★

Unidade, à base de marretadas

Ricardo Daehn

Parece sintomático que a nova e violenta ação de Dan Trachtenberg venha distribuída pela Disney, mesma empresa que lançou a animação *Elio*. Explica-se: ambos os filmes têm por base as conexões e o curto-circuito nas relações entre pais e filhos. A vida alienígena no novo filme se dá em Yautja Prime, local de nada amistoso convívio entre os irmãos (com algo de Caim e Abel) Dek e Kwei, municiados com espada de plasma e muitas desavenças junto ao pai que instiga ódio. Nessa desarmonia, os personagens entendem que “fracasso é morte”. Claro, querem sobreviver nem que seja no distante Genna, ambiente



Predador: em terras selvagens, ele não está para graças

DISNEY/DIVULGAÇÃO

que promete iminente encontro com o mortífero Kalisk.

Entre muito arranca-rabo, Dek parte em busca da caça (nada menos do que Kalisk), a fim de se afirmar. Com cenas iniciais débeis, ele encara o ataque de uma floresta viva. Pouco a pouco, Dek se torna embaixador de uma brutalidade fincada no desespero da solidão. Em suma, se vê como ser

primário dotado de artefatos sofisticados, com alta tecnologia de ponta. Uma figura feminina, Thia (Elle Fanning, de *Um lugar qualquer* e *Malévola*), nascida de fundo sintético, vem como antídoto para a situação que separou Dek do irmão Kwei, nesta adaptação das criações oitentistas de Jim e John Thomas. Em meio a descobertas e ao inesperado, Dek protagoniza

cenas de ação sólidas em *Predador: terras selvagens*.

Thia (uma insuportável falastrona) passa a ser vista como “ferramenta” para a ambientação de Dek. Com aspecto entre um sapo e um gato, outro personagem adentra a trama, formando o que intitulam de Trio Desarvorado. A afinidade entre todos parece, entretanto, inexistente. A produção capricha em

cenas bizarras, como as pernas que caminham só, desconjuntadas de corpo (algo à la *Família Adams*). A capacidade de regeneração e de reconstituição (em sentido figurado que dá pistas para rearranjos de relações entre Dek e terceiros) paira como tema do filme. Mas é um paralelo tão pobre quanto o da cena em que, graciosamente, um bicho mime-tiza o comportamento de Dek.

Ligações extremistas

Júlia Costa*

Brincando com fogo, filme francês dirigido pelas irmãs Delphine e Muriel Coulin, já está em cartaz nos cinemas brasileiros. A trama trata das relações familiares e como elas são afetadas pelos conflitos geracionais e pelo extremismo político.

O enredo traz Pierre (Vincent Lindon, vencedor do prêmio de melhor ator no Festival de Veneza), viúvo de 50 anos e pai de dois filhos.

IMOVISION/DIVULGAÇÃO



Brincando com fogo: escolhas definitivas

Louis, o caçula, está prestes a sair de casa para estudar em Paris; Fus, o filho mais

velho, sente-se cada vez mais isolado e se aproxima de grupos de extrema-direita, que

representam tudo combatido por Pierre. A relação entre pai e filho é abalada pela raiva e

incompreensão, até que uma tragédia abala a família de forma irreversível.

O longa é inspirado no romance *O que é preciso à noite*, de Laurent Petitman-gin, publicado em 2022. Em 2024, *Brincando com fogo* foi premiado com o Collateral Impact Award, do Festival de Cinema de Veneza, que atribui distinção a produções com grande potencial de causar impacto na sociedade. Na entrega do prêmio, o júri citou a importância de iniciar o debate sobre a ascensão da extrema-direita e o impacto social.

***Estagiária sob a supervisão de Nahima Maciel**